

O papel do professor no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa como LE para alunos com TDAH

RESUMO

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de orientar sobre o uso de recursos pedagógicos na área de Língua Inglesa para alunos com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). Dentre as informações aqui discutidas está a conceitualização do sujeito com TDAH, os possíveis desafios do TDAH no contexto escolar e a conceitualização de Língua Estrangeira (LE). Com essas informações previamente coletadas, refletimos sobre possíveis diferentes estratégias de ensino e explicamos os motivos para que a abordagem vygostkyana (sociointeracionista) é bastante adequada ao objetivo do trabalho. Isso acontece, pois entendemos que tal abordagem é capaz de, ao mesmo tempo, contribuir na inclusão do aluno com TDAH, bem como em desenvolver suas habilidades cognitivas. Também expomos um conjunto de técnicas já discutidas em trabalhos prévios para que o professor consiga ensinar o aluno com TDAH de maneira satisfatória. O método de pesquisa utilizado neste trabalho é de cunho qualitativo e de natureza exploratória. O estudo se desenvolve a partir de pesquisa bibliográfica apoiada em artigos científicos disponíveis em repositórios online, utilizando as seguintes palavras-chave para a busca: TDAH, ensino, aprendizagem, educação para TDAH, sociointeracionismo. Foram pesquisados e reunidos métodos de ensino já utilizados e estudados, não havendo, portanto, desenvolvimento de novos métodos. Por se tratar de um trabalho desenvolvido para a disciplina de Educação inclusiva e diversidade do 4º semestre do curso de Letras - Inglês da UTFPR em um curto período de tempo, não foi possível que a pesquisa fosse aplicada em campo, portanto não contamos com resultados numéricos ou de outra natureza científica. Apesar da não-aplicação do assunto disposto, temos como respaldo as pesquisas citadas no decorrer do trabalho para que presumamos que todo o conteúdo aqui exposto é aplicável e de provável efetividade. Acreditamos que os dados discutidos e as contribuições próprias dos elaboradores possam ser de grande valia a educadores e estudantes interessados no tópico objetivo do trabalho. Entendemos ainda que a aplicabilidade deste estudo não se restrinja apenas ao ensino de Língua Inglesa e inclusão de alunos com TDAH, mas se amplie também a outras disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: TDAH. Língua inglesa como LE. Estratégias de ensino. Sociointeracionismo.

**Elizabete dos Santos Leiros
Batista**

elizabeteleiros@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9126-085X>

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

Gilson Faria Albuquerque

gilsonalbuquerque@alunos.utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5737-4674>

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

INTRODUÇÃO

O professor tem um papel essencial na vida e no desenvolvimento de seus alunos. É ele quem vai ser o responsável por garantir que todos participem do processo de aprendizagem, independente de suas singularidades. Alunos que apresentam Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) podem apresentar dificuldades para absorver conteúdos no mesmo ritmo e da mesma maneira que os demais alunos.

O TDAH pode ser considerado um problema de saúde mental, o transtorno afeta as regiões da parte frontal do cérebro, especialmente a região responsável pelo controle dos impulsos, da organização, da memória, da atenção e do planejamento (SANTOS *et al*, 2013; FREITAS, 2017). Suas principais características são a falta de atenção, problema de concentração, hiperatividade, agitação, entre outros. O aluno que apresenta esse transtorno pode vir a não se sentir inserido na sala de aula e cabe ao professor saber como melhor lidar com esses alunos e quais metodologias e abordagens seguir para alcançar todos os alunos de maneira inclusiva.

Pensando nos alunos com TDAH, a proposta desse trabalho é analisar metodologias já existentes de ensino-aprendizagem de inglês como uma Língua Estrangeira, um ensino que vai além da língua por se referir a uma cultura de um país diferente daquele que o aluno está inserido, como é o caso do ensino da língua inglesa no Brasil. O foco escolhido para a análise foi a abordagem sociointeracionista de Lev Vygotsky (2018), que expõe que as pessoas desenvolvem-se a partir da interação com o meio na qual estão inseridas. A linguagem é uma atividade social, assim como a aprendizagem de uma nova língua o é, sendo assim, a abordagem vygotskyana se mostra uma alternativa muito coerente a ser utilizada com alunos que apresentam TDAH.

O estudo se desenvolveu a partir de pesquisa bibliográfica, apoiada em artigos científicos disponíveis em repositórios online, utilizando as seguintes palavras-chave para a busca dessa pesquisa: TDAH, ensino, aprendizagem, educação para TDAH, sociointeracionismo. A presente pesquisa tem um cunho qualitativo e de natureza exploratória, foram pesquisados e reunidos métodos de ensino já utilizados e estudados, não havendo, portanto, desenvolvimento de novos métodos. Foi realizado, então, uma discussão e análise comparativa desses métodos.

CONCEITO DE TDAH

O TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) pode ser definido como “um problema de saúde mental, considerado como um distúrbio bidimensional, que envolve a atenção e a hiperatividade/impulsividade” (FREITAS, 2017, p. 15 apud BENCZICK, 2000, p. 25). As principais características marcantes do TDAH são: a hiperatividade, o déficit de atenção (ou instabilidade de atenção ou concentração), agitação motora, impulsividade e a falta de persistência na continuidade de tarefas. (ARAÚJO, 2004; FORTUNATO, 2011). Crianças com TDAH muitas vezes apresentam dificuldades para “se comportar” e são muitas vezes tidas como desobedientes ou inquietas.

O fator causador desse transtorno ainda não é conhecido. Araújo (2004) aponta lesões e disfunções cerebrais, hereditariedade, traumas durante o parto e problemas familiares, como possíveis causas para o transtorno. Araújo (2004) aponta ainda, que para alguns autores o fator hereditário é a mais provável causa, uma vez que é comum que uma criança com TDAH possua um parente imediato que também apresenta o transtorno. O que se sabe, com certeza, é que os sujeitos com TDAH apresentam alguma alteração no trabalho funcional do cérebro. Pesquisas científicas revelaram que “pessoas com TDAH têm alterações na região pré-frontal do cérebro, podemos ainda perceber no lóbulo pré-frontal a diminuição de metabolismo, que está relacionada justamente ao controle dos impulsos, atenção, organização, memória e planejamento” (FREITAS, 2017, p. 18).

Os sintomas do TDAH são normalmente percebidos na primeira infância. “As manifestações comportamentais geralmente aparecem em múltiplos contextos, incluindo a própria casa, a escola ou situações sociais” (FREITAS, 2017, p. 16 *apud* BENCZICK, 2000, p. 29). Ainda segundo Freitas (2017 *apud* SILVA, 2014), os sintomas são muitas vezes percebidos quando a criança é matriculada em uma escola e os docentes, ou os próprios pais, notam que as crianças não estão conseguindo focar ou desenvolver as atividades passadas.

Como aponta Fortunato (2011), o diagnóstico de TDAH pode ser difícil de se definir, uma vez que crianças de certas idades tendem a ser naturalmente agitadas e curiosas, especialmente as que estão em uma idade de descobrimento do mundo a sua volta, o que para um olhar não especialista poderia ser taxado como uma criança TDAH. “O diagnóstico de TDAH não é feito apenas por um questionário e sim por vários testes e etapas levando o profissional capacitado a chegar à conclusão se a criança é ou não hiperativa” (SANTOS ET AL, 2013, p. 422). Após diagnosticado o TDAH, o tratamento pode envolver o uso de remédios, como “Metilfenidato, substância química estimulante do sistema nervoso central, para que o cérebro seja ativado, principalmente na área em que apresenta menor atividade, a frontal” (FREITAS, 2017, p. 18).

Segundo Araújo (2004), é possível se diagnosticar até quatro tipos distintos de TDAH com ou sem comorbidade, sendo eles:

- a) T.D.A.H. do tipo Predominante Desatento. Falta de atenção sustentada, distrabilidade; elevada taxa de prejuízo acadêmico.
- b) T.D.A.H. do tipo Hiperativo Impulsivo. Dificuldades em seguir as regras e em pensar antes de agir, pois a capacidade de autocontrole é muito baixo, por isso apresentam altas taxas de impopularidade e de rejeição pelos colegas; dificuldade a nível de aprendizagem nos primeiros anos de vida escolar; dificuldade de relacionamento com os amigos e colegas.
- c) T.D.A.H. do tipo Combinado. Falta de atenção sustentada, hiperatividade e impulsividade; apresentam maior prejuízo no funcionamento global; elevada taxa de prejuízo acadêmico; apresentam maior presença de sintomas de conduta de oposição e desafio.
- d) tipo Inespecífico. As manifestações comportamentais geralmente aparecem em múltiplos contextos, incluindo a própria casa, a escola ou situações sociais. Dificuldades com frustrações: existe dificuldade em trabalhar com objetivos a longo prazo (p. 12).

De acordo com Freitas (2017, p. 16), “66% das crianças apresentam o tipo combinado, 26% o tipo desatento e 8% o tipo hiperativo. Já os adultos, 62% apresentam o tipo combinado, 31% o desatento e 7% o hiperativo”. É importante ter conhecimento dos diferentes diagnósticos de TDAH, especialmente para a família desse sujeito e os profissionais da educação que conviveram com um aluno TDAH.

TDAH NO CONTEXTO ESCOLAR

Como mencionado anteriormente, em alguns casos, é apenas quando a criança ingressa pela primeira vez na escola que os sintomas do TDAH passam a ser mais perceptíveis. Por ser um ambiente novo, que exige a concentração e atenção da criança, o aluno com TDAH apresenta, então, dificuldades de prestar atenção e de se comportar como se é esperado.

Como aponta Fortunato (2010), esses alunos:

Não param na carteira, se dispersam frente a qualquer estímulo externo, são impulsivos, perdem o material e sentem dificuldade em organizar as tarefas escolares sozinhos, com prejuízo na resolução das atividades propostas pelos professores, recaindo, negativamente, no seu aproveitamento acadêmico (p. 7379).

Ainda nesse tema, parafraseado Souza e Menezes (2010), o aluno pode saber o que deve ser feito e entende o assunto, mas a incapacidade de conseguir se focar na tarefa proposta, “atrapalha” o ambiente escolar e impede também, a conclusão do exercício passado. Freitas (2017 *apud* SILVA, 2014) diz que em detrimento de tais comportamentos frequentes os alunos TDAH “podem acarretar interrupções no decorrer da aula, gerando prejuízo para todos na sala de aula” (p. 17).

Uma vez que o diagnóstico de TDAH é confirmado, é dever da escola (entende-se por professores, equipe pedagógica e servidores) e dos pais manter contato estreito para que a criança progrida da mesma forma que as demais. O professor, além de estar em contato com a família da criança, “a fim de interagir as tarefas do processo de ensino e aprendizagem com os familiares; deve [também] ser aberto a mudar e/ou variar métodos para ensinar o seu aluno com hiperatividade, além de ser pesquisador e investigativo” (SOUZA e MENEZES, 2010, p. 71 *apud* GOLDSTEIN, 2007).

O professor deve estar atento às ações das crianças, garantindo o avanço e as mesmas oportunidades de participação das atividades para todos os alunos. O papel do educador vai além da simples transmissão de conteúdos, ele deve também aproveitar o conhecimento prévio que a criança possui, para assim trabalhar os conteúdos em situações significativas. É isto que o professor deve buscar como prioridade: apoiar-se naquilo que os estudantes sabem fazer, para depois, partir para outras formas de ensinar.

Segundo Fortunato (2011 *apud* FARREL, 2009), ao lidar com o aluno TDAH, o professor deve procurar planejar atividades exploratórias e investigativas acompanhadas de atividades práticas. Para tal, com base em Fortunato (2011 *apud* FARREL, 2009) e Fonseca, Muszkat e Rizutti (2012 *apud* RODHE, 2003), o que o professor pode fazer para melhorar o aprendizado do aluno TDAH é:

encorajar que o aluno busque os mais diversos materiais sobre o assunto que será trabalho em sala; ter uma rotina diária clara e definida; garantir que o ritmo das aulas não seja acelerado ou lento demais; nas lições e provas buscar utilizar tanto perguntas abertas quanto fechadas; dar preferência para uma metodologia mais visual; ao estabelecer regras com a turma, passá-las de forma objetiva e clara.

Já na organização da sala de aula para ajudar o aluno com TDAH deve-se: ter, preferencialmente, uma turma com um número não muito grande de alunos; é preferível que o aluno TDAH sente-se mais próximo ao professor para evitar que algo possa distraí-lo, como outros alunos mais agitados, portas e janelas. Souza e Menezes (2010, p.72) sugerem ainda, que “o aluno pode ter uma função oficial na sala de aula, ser o ‘ajudante’. Isto, além de melhorar a qualidade do relacionamento dentro da sala de aula, permite que ele se movimente um pouco mais com uma ação funcional”.

CONCEITO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Existe uma diferença importante entre os conceitos de L1, L2 e Língua Estrangeira (LE), que precisa ser feita previamente para que as intenções desse trabalho fiquem claras. Segundo Almeida Filho (2009), podemos conceituar L1 como aquela língua que “serve para comunicação ampla desde a casa, passando pela rua até a escola e os meios culturais. É a língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa” (2009, p. 8). Portanto, L1 é aquilo que se costuma chamar de língua materna. Ainda segundo o mesmo autor, L2 “é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s) que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições” (2009, p. 10), isto quer dizer que, para ocupar o status de L2, o falante precisa estar inserido em um contexto no qual a língua não-materna não seja amplamente usada. O uso de L2 ocorre, por exemplo, quando um brasileiro falante de português (como L1) reside em um país não-lusófono, nesse caso o uso do português se restringe a certos ambientes, enquanto que a língua não-materna (L2) deverá ser usada com maior frequência. Por fim, a língua estrangeira é para Almeida Filho “uma outra língua em outra cultura de um outro país pela qual se desenvolve um interesse autônomo (particular) ou institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la” (2009, p. 11), como o que ocorre com a língua inglesa no Brasil. Apesar de ter grande prestígio pela usabilidade, a língua inglesa não é oficial em nosso país, por isso, aqui, ela é vista como uma língua estrangeira, e seu aprendizado é fundamental para que o sujeito possa se inserir e participar plenamente em diversas situações com pessoas do mundo todo. Este trabalho se preocupa com o ensino do inglês para esta finalidade, para o aprendizado da língua inglesa como LE. As atividades propostas aqui são pensadas de forma que o aluno com TDAH possa ter condições de aprender a língua inglesa de modo que possa interagir igualmente em contextos que requeiram o uso dessa língua.

ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA PARA O ENSINO DE LE

De modo geral, ensinar requer com que o professor faça escolha das abordagens, dos métodos, das metodologias e ferramentas com as quais pretende trabalhar. Essa escolha diz muito sobre os objetivos que o professor espera atingir, o seu próprio papel na sala de aula, como imagina que os alunos irão se comportar durante as atividades e o que se espera deles. Como este trabalho se preocupa com o ensino de línguas, antes de mais nada, precisamos lembrar que a linguagem é um instrumento social (CLARK, 1994), portanto, devemos pensar em uma abordagem que se preocupe com o ensino como fator de uso social. Para escolher tal abordagem, deve-se levar em conta que o aluno com TDAH também deve ser respeitado e inserido nas atividades do ambiente escolar. Assim, nos apoiamos no pensamento de Paulo Freire, que comenta que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (2002, pg. 25). Ainda, de modo breve, lembramos que o sociointeracionismo de Lev Vygotsky (2018) propõe que o sujeito se desenvolve a partir da interação com o meio em que se insere. Ao considerarmos essa abordagem, não apenas procura-se inserir o sujeito com TDAH no ambiente comum, mas também nos preocupamos com o seu próprio desenvolvimento cognitivo:

Na teoria de Vygotsky, fica clara sua preocupação em entender o homem como um sujeito histórico que através do trabalho, intervém no meio ambiente, cria cultura e desenvolve-se. É pelo trabalho coletivo que o homem estabelece relações sociais como os outros e cria instrumentos que facilitam a transformação dos meios em benefício de sua sobrevivência (STADLER et al, 2004, p. 4).

Como a linguagem é uma atividade social e a abordagem vygotskyana propõe que nos desenvolvemos a partir da interação, fica evidente que a escolha da abordagem sociointeracionista é uma alternativa muito coerente a ser utilizada pelo professor para ensinar alunos com TDAH.

Em seus estudos, Vygostky (2018) propõe teorias que dizem respeito ao funcionamento cerebral, sendo uma delas a de mediação, que pode ser explicada por: “mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2002, p. 26, *apud* MARTINS e MOSER 2002). Os autores ainda ressaltam que

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 2002, p. 33, *apud* MARTINS e MOSER 2002).

Assim sendo, o ser humano faz uso de instrumentos e signos para agir sobre o mundo. Ele usa de ferramentas para transformar o ambiente à sua volta e assimila os conceitos que aprende articulando o pensamento através da linguagem, sendo que os signos podem ser representados tanto por palavras quanto por imagens. A linguagem é para Vygostky (2018), a entidade que organiza o pensamento, e sua principal função é nos possibilitar interagir com

outros humanos, como ressalta Marta Kohl de Oliveira (2002) "[...] a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens" (2002, p. 26).

Desse modo, podemos pensar que usar a comunicação como meio de afirmação dos conteúdos a serem aprendidos pelo aluno; ou seja, os conteúdos farão mais sentido se feitos de modo com que os alunos façam um intercâmbio de conhecimentos entre si. Se utilizar esse método, o professor estará não apenas proporcionando ao grupo um ensino significativo, mas também incluindo o aluno com TDAH de maneira natural ao meio de aprendizado. Por isso o professor deve conduzir as aulas como mediador, "observando e investigando os conhecimentos que os alunos trazem à escola, o professor deve intervir para reorganizar tal conhecimento, os elevando a outro patamar." (BERNI, 2006).

TDAH E O ENSINO DE INGLÊS COMO LE

Devido à demanda do aprendizado de uma segunda língua, o interesse pelo estudo de inglês aumenta e, com ele, a necessidade das instituições e do corpo docente estarem aptos a oferecer um serviço de qualidade para todos os alunos. Sendo assim, buscam-se métodos para que alunos com necessidades especiais consigam desenvolver bem a aprendizagem da LE, recebendo atendimento adequado.

Para criar esse ambiente ideal de ensino, são necessários treinamentos aos docentes, tempo para preparo de uma aula que atenda às necessidades de todos os discentes e acesso à tecnologia dentro e fora de sala de aula (FONSECA, 2014, p. 5). Deve-se ressaltar, também, que, para que a aprendizagem dos alunos com TDAH seja efetiva no cotidiano da sala de aula, ele precisa ser motivado e ajudado a fazer aquilo que o professor solicita, e não ser punido por fazer aquilo que o professor não quer que ele faça (FREITAS, 2017, p. 58). Além do que, Simon (2016, p. 216) lembra que "as necessidades dos alunos com TDAH são diferentes, as respostas são distintas e que precisa ser considerado que há muitas formas de aprender (visual, auditiva, cinestésica), havendo, portanto, muitas formas de ensinar".

Simon (2016, p. 139) lista um compilado de estratégias que podem ser utilizadas para auxiliar no ensino-aprendizagem do aluno com TDAH. Ao todo, a autora discute uma grande gama de estratégias a serem aplicadas, aqui citaremos aquelas que consideramos mais pertinentes ao ensino do inglês. De modo simplificado escolhemos citar estas: definir regras e expectativas do professor para com a turma e o aluno com TDAH; atender o aluno com TDAH em horário separado aos demais; disponibilizar ao aluno mais tempo durante atividades, bem como usar linguagem clara e também auxiliá-lo na leitura, mesmo nas avaliações; os conteúdos devem ser iniciados pelo tópico mais relevante e readequar caso se perceba dificuldade; auxiliar o aluno na organização das atividades, material e tempo; manter foco visual com o aluno e repetir a explicação se necessário; organizar a turma de modos diferentes para evitar rotina (mudar as filas, organizar semicírculo, trabalho em grupos, etc.); combinar um código específico com o aluno caso seja preciso chamar atenção do mesmo; manter contato com os pais; fazer uso de materiais e recursos alternativos, tais como o uso de filmes, jogos, revistas, entre outros.

A estratégia sociointeracionista deve ser constantemente aplicada, permitindo que os alunos se desenvolvam juntos reunindo e compartilhando suas próprias experiências. Essa abordagem permite que se usem atividades alternativas, que se organizem os trabalhos de modo que garantam interação de forma concentrada e focada, que se use tecnologia que chame a atenção do aluno para a nova língua e outros métodos diferenciados que podem auxiliar a aprendizagem de LE do aluno com TDAH, adaptando o ensino da língua às suas necessidades e garantindo uma educação mais acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de alunos com Transtorno do Déficit de Atenção/ Hiperatividade (TDAH) é uma realidade cada vez mais comum nas salas de aula. É imprescindível que os professores, tanto de língua inglesa, quanto de outras disciplinas, saibam como melhor atendê-los e quais metodologias são as mais indicadas para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem desses alunos. O presente trabalho buscou apresentar um breve panorama sobre o TDAH e suas implicações no papel que o professor de inglês deve tomar.

A função de educador requer que este seja hábil a encontrar uma abordagem e métodos que melhor se ajustem às diferentes realidades encontradas no ambiente escolar. As crenças dos elaboradores deste trabalho se aliam à ideia de que a abordagem sócio-interacionista seja de grande valia. Isso porque, com ela conseguimos não apenas auxiliar a inclusão do aluno com TDAH, mas também, estamos aptos a ajudá-lo a desenvolver seus processos cognitivos, sendo assim uma abordagem bastante completa em si. Para tanto o professor poderá realizar tarefas em que os alunos interajam entre si, que troquem suas experiências e sejam independentes ao se auxiliarem em possíveis dúvidas. Cabendo ao professor o papel de “guia”, um mediador entre o conhecimento do mundo e o desenvolvimento individual e coletivo dos alunos. Desse modo, a inclusão e aceitação do aluno com TDAH pelos demais poderá ocorrer de maneira orgânica.

Devido ao curto período de tempo que dispomos para realizar essa pesquisa, não pudemos aplicar os métodos discutidos no campo real da sala de aula. Porém, os outros trabalhos que nos deram suporte e referencial teórico, já haviam, de diversos modos, aplicado os métodos e estratégias. Portanto acreditamos que a discussão deste trabalho seja aplicável pelo leitor. O nosso foco recai sobre o ensino da língua inglesa como LE, porém, não existem restrições para que os dados que foram aqui levantados não sejam aplicáveis a outras disciplinas e contextos de ensino. Talvez algumas alterações e adaptações sejam necessárias, mas as técnicas e métodos devem ser universais.

O que podemos de fato concluir é que o ensino de alunos com TDAH requer dedicação do professor, assim como trabalho em conjunto com a família do aluno, mas é possível, desde que o educador esteja disposto a mudar e adaptar sua metodologia para atingir da melhor maneira todos os seus alunos.

The teacher's role in the English language teaching-learning process as LE of students with ADHD

ABSTRACT

The main purpose of the present paper is to shed light on the use of teaching resources in the English language area to attend students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). The conceptualization of ADHD, the possible challenges of ADHD students in the school context and the conceptualization of foreign language (EFL) are the topics discussed in this article. With the preview topics in mind, we reflected about different possible teaching strategies and explained why the Vygotskian (social interactionism) approach is adequate to this end. It is so, because with the approach in question it is possible to, at the same time, include the students with ADHD as well as help them develop their cognitive abilities. We also collected a number of already discussed techniques from published papers in order to show teachers ways to teach their students with ADHD in a satisfactory way. The methodology used was an exploratory research with qualitative nature. The development of this paper was based on a bibliographic research of scientific articles available on online repositories and using the key words: ADHD, teaching, learning, ADHD education, social interactionism. This paper analyzed and researched upon pre-existing and already in use teaching methods, therefore there were no development of new methods. Even though the methods and approaches discussed in this paper were not tested by the authors, the support on the research cited led us to believe that the content presented is applicable and likely to be effective. We consider that the points discussed and the contribution given may be of great help to educators and students interested in the topic of this paper. We also think that this study does not apply only to the teaching of the English language nor the inclusion of students with ADHD, but it is likewise valid to other subject areas.

KEYWORDS: Attention Deficit Hyperactivity Disorder. EFL. Teaching strategies. Social-interactionism.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino.** Universidade de Brasília. 2009. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso em: 05 mai. 2013.
- ARAÚJO, Rosalina Pereira de. **O papel do professor no convívio com a criança hiperativa.** 2004. 36 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.
- BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. Mediação: o conceito vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. In XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. **Anais [...].** Uberlândia, MG: UFU, 2006. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_334.pdf. Acesso em: 10 dez. 2014.
- FONSECA, Aline Miranda. **A criança TDAH e o ensino de inglês.** 2014. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Especial e Inclusiva, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2014. Cap. 3. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/50578.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.
- FONSECA, Maria Fernanda Batista Coelho da; MUSZKAT, Mauro; RIZUTTI, Sueli. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade na escola: mediação psicopedagógica. **Psicopedagogia**, São Paulo, v. 29, n. 90, p.1-2, jan. 2012.
- FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. A escola e o TDAH: práticas pedagógicas inovadoras pós-diagnóstico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...].** Curitiba: Educere, 2011. p. 7376 - 7388. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5448_3353.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 54 p.
- FREITAS, Glória Maria Miranda de. **Estratégias de ensino da língua inglesa para alunos com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade.** 2017. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Inglês, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2807/1/GMMF19072017.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.
- MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. Revista Intersaberes | vol. 7 n.13, p. 8 - 28 | jan. -jun. 2012 |ISSN 1809-7286 Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Intersaberes**, [S. I.], v. 7, n. 13, p.8-28, 2012. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/245/154>. Acesso em: 05 jun. 2019.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

SANTOS, Amanda Ferreira dos et al. O papel da escola e dos professor no processo de aprendizagem em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Anais V Simpac**, Viçosa, v. 5, n. 1, p.421-426, dez. 2013.

SIMON, Maria Inês. **ESTUDANTES COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO IFRS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A APRENDIZAGEM**. 2016. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, 2017. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/06/MARIA-IN%C3%8AS-SIMON.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2019.

SOUZA, Gisele Maria de; MENEZES, Sheilla Alessandra Brasileiro de. Reflexões sobre a prática escolar para alunos hiperativos. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.67-73, jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4482/4607>. Acesso em: 06 jun. 2019.

VYGOTSKY, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2018.